COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I — NOVEMBRO 1973 — N.º 8

TEMPO DE SAUDAD

Então com o posto de Major e desempenhando as funções de 2.º C mandante deste Centro de Instrução de Comandos, o Ten.-Cor. Soar Carneiro que a fotografia mostra aquando do jantar de despedida 8.ª Companhia de Comandos, é bem uma figura recordada com sauda nesta casa, tal foi a dedicação com que se entregou à causa «COMANDO durante o tempo que aqui permaneceu.

Desempenhando actualmente o elevado cargo de Secretário-Geral Governo do Estado, o Ten.-Cor. Soares Carneiro é digno merecedor nossa admiração, respeito e saudade.

TEMPO DE SAUDAD

Então com o posto de Major e desempenhando as funções de 2.º C mandante deste Centro de Instrução de Comandos, o Ten.-Cor. Soar Carneiro que a fotografia mostra aquando do jantar de despedida 8.ª Companhia de Comandos, é bem uma figura recordada com sauda nesta casa, tal foi a dedicação com que se entregou à causa «COMANDO durante o tempo que aqui permaneceu.

Desempenhando actualmente o elevado cargo de Secretário-Geral Governo do Estado, o Ten.-Cor. Soares Carneiro é digno merecedor nossa admiração, respeito e saudade.

EDITORIAL

É Natal.

Época do ano em que todos nós, sem excepção, recordamos com mais saudade os nossos Entes Queridos de quem, por um imperioso dever que transcende em muito as nossas vontades, nos encontramos separados.

É Natal. Festa da Família e que para nós, Portugueses, é intensamente vivida e sentida.

Neste Natal de 1973, o Comandante do Centro de Instrução de Comandos deseja a todos vós, aos que serviram e aos que servem agora nesta Unidade Especial, Festas Felizes e um Natal bem Português, sem saudosismos, nem pieguices, porque longe dos nossos, fora das nossas terras, estamos no cumprimento de uma honrosa missão, que procuramos cumprir, com brio, dignidade e determinação.

Por isso, neste Natal encontramo-nos mais uma vez fortemente unidos, como uma grande Família, contra tudo e contra todos que queiram minar as estruturas da nossa Pátria Multirracial.

Para Todos Vós, homens generosos da 36.ª, 37.ª, 41.ª, 42.ª, 44.ª CCMDS, C.I., CCS, CCMDS S/R, Comandos da Guiné e Comandos de Moçambique e todos aqueles que ao longo destes anos deram, o melhor de seu entusiasmo e se sacrificaram pelo nosso ideal, o Comandante do Centro deseja-vos Festas Felizes e mais uma vez afirma a honra que tem em vos Comandar.

O COMANDANTE

IMAGENS DO C.I.C.

CAPITÃO FREIRE

O regresso à Metrópole do Capitão Freire, que ultimamente desempenhava as funções de Comandante da Companhia de Instrução, foi condignamente assinalado pelos Oficiais deste Centro, com um jantar informal que teve a presença do Exmo. Comandante e 2.º Comandante, num testemunho do elevado espírito de camaradagem «COMANDO».

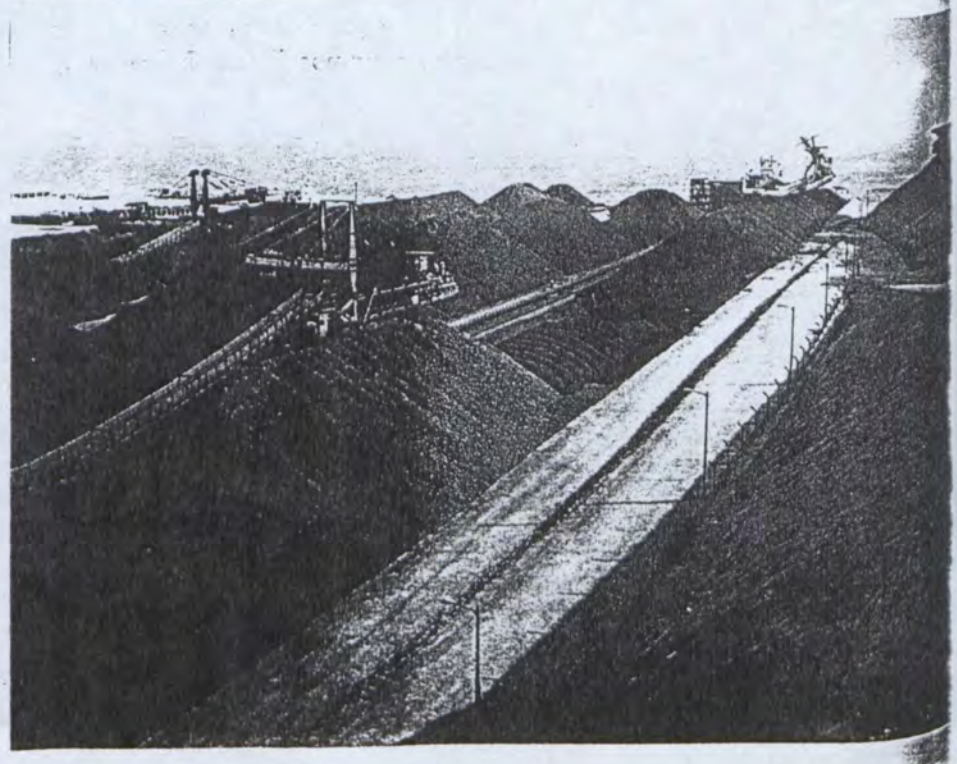
Oficial distinto, o Cap. Freire deixou um amigo em cada elemento que compõe o Centro de Instrução de Comandos.

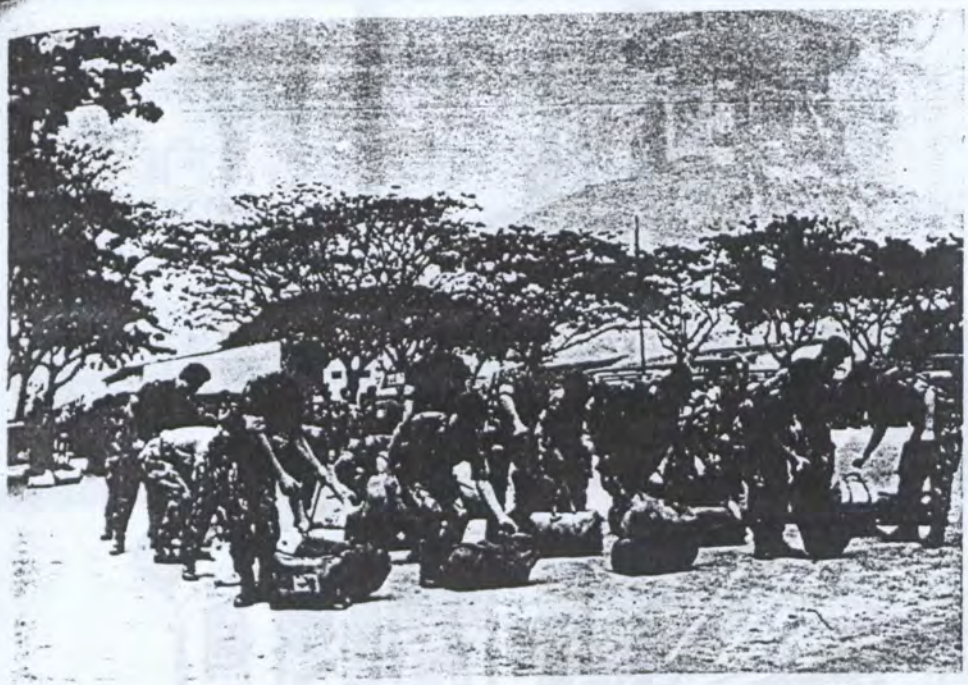
Em nome de todos, aqui ficam expressos os melhores votos de felicidades e de breve regresso.

EXPOSIÇÃO
ANGOLA IMPARÁVEL

Foi inaugurada no passado di 11 e patente a todo o pessoal dest Centro de Instrução de Comando uma mostra fotográfica sobre An gola, suas gentes e potencialidade económicas, numa feliz iniciativa d Cap. Ovídeo Rodrigues, que ma uma vez pôs à prova a sua total de dicação às coisas de Angola.

A exposição que focava os prin cipais aspectos da realidade ango lana, desempenhou papel impo tante no verdadeiro esclarecimen do pessoal menos informado.



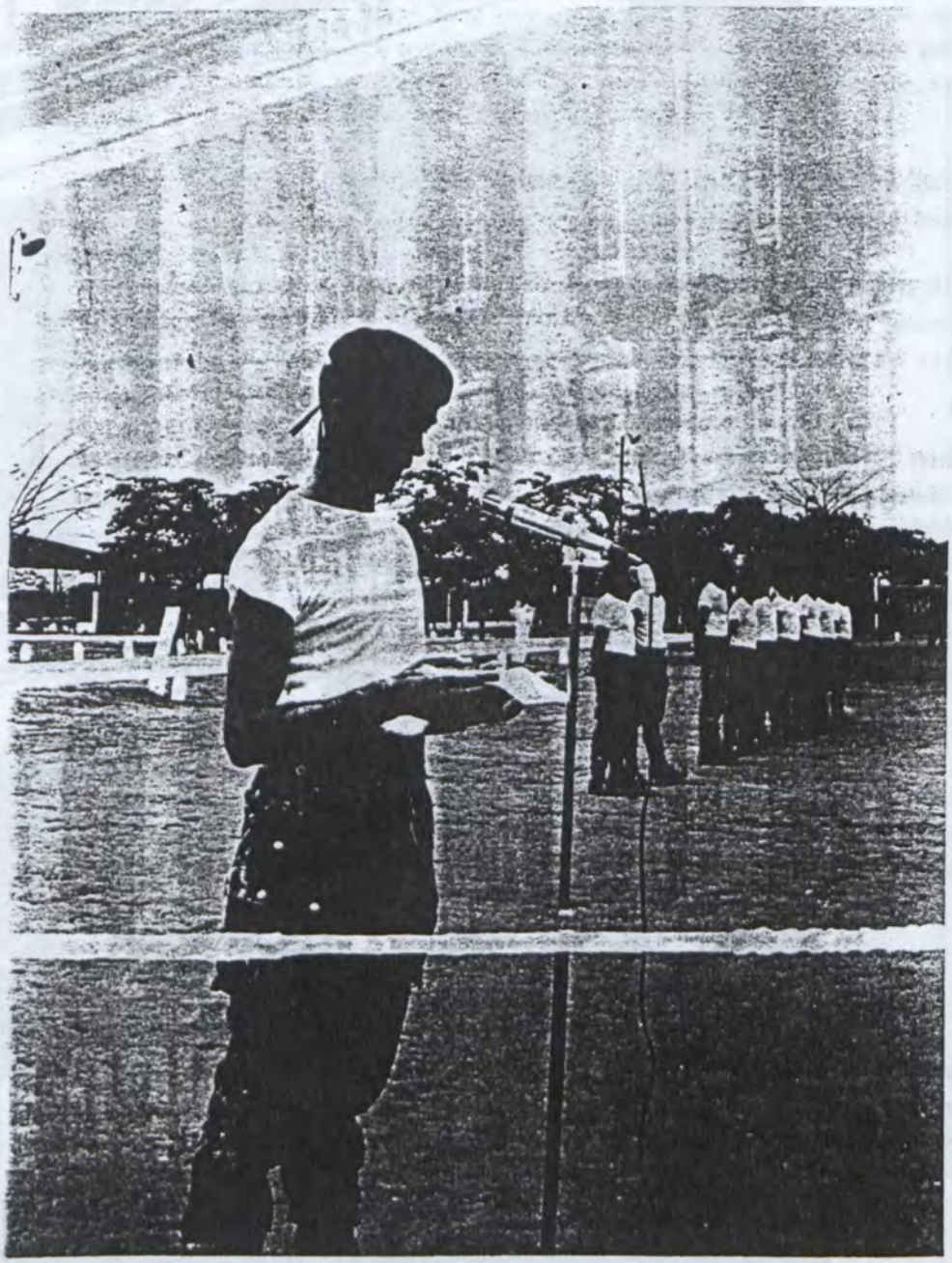


COMEÇOU O 28.º CURSO DE COMANDOS

A uma cadência expressiva de três cursos por ano, tendo cada um a duração aproximada de 15 semanas, o Centro de Instrução de Comandos prossegue na sua importante missão de formar tropa especializada para o combate.

Assim iniciou-se no passado dia 7 de Novembro, o 28.º Curso de Comandos, que formará mais duas Companhias destinadas à Região Militar de Angola.

Este curso é caracterizado no que concerne a Oficiais, pela inclusão de instruendos do recrutamento do Estado.



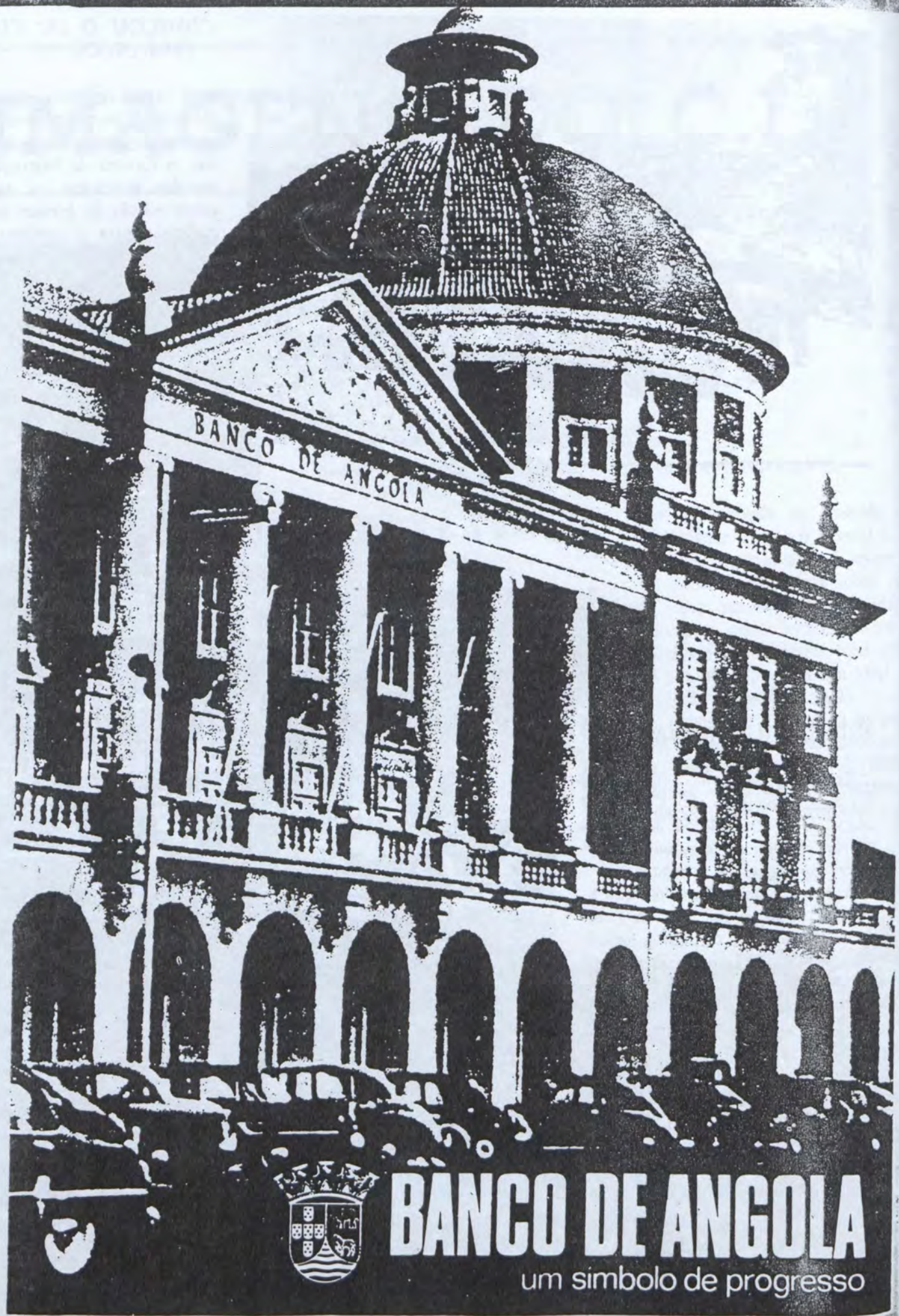
ENTREGA DE ARMAMENTO

Regressou da Zona Militar Leste a Companhia de Comandos 2041.ª, que ali realizou acção meritória através de algumas importantes operações de combate.

A entrega do armamento capturado ao inimigo, foi feita na Parada do C.I.C. em cerimónia solene que teve a presença do Exmo. 2.º Comandante, bem como uma representação de todas as Companhias.

Como resultado das operações RUBI/ZH. BARBELA/IH. ZURZIR/IH e BIZARRA-B/IH foi capturado ao inimigo o seguinte material:

4 Pistolas-metralhadoras P.P.S.H.
2 Espingardas STEYER
1 » semi-automática SIMONOV
2 » automáticas ARMELITE


BANCO DE ANGOLA
BANCO DE ANGOLA
um simbolo de progresso

«A VIDA»

Há segredos que o homem não consegue entender...

São mistérios. Mistério da própria vida. São tempestades de perguntas com respostas, sem respostas ou de dúbias respostas. Respostas formuladas em voz alta ou feitas mentalmente, emanando apenas pensamentos positivos, sempre dirigidos ao Alto — a esperança vem sempre de cima — na ânsia de palavras exactas. A grande escola do homem é a vida, etapa por etapa desde o momento em que absorve a primeira lufada de oxigénio até à última.

A vida é força, a força da vida na vida do homem.

Nunca se está só na vida, é um caminhar pelas linhas do destino lado a lado com quem não se espera, não se vê ou não se sente, ou ainda não se entende.

As pedras são símbolos, os picos são imagens, os pontapés são realidades, as lágrimas são dádivas que se recolhem ou oferecem mas os passos são sempre a grande vitória do homem, levam-no ao local exacto da sua missão, seja ela qual for.

Há segredos que o homem não consegue entender...

Ele não entende as máquinas falantes, as formas de vida noutras partes da galáxia, não sabe porque quer controlar a chuva, a energia solar, as tempestades, não entende as armas, espontaneamente é ladrão ou pessoa de bem, foram passos mal dados nos domínios da sua estrada da vida, aventuras humanas que os humanos não sabem entender. Os homens dividem os homens. O pior inimigo do homem é o homem. Homem que busca compreensão, levando fantasias e sonhos não sabe bem a quem aonde e porquê.

Há segredos que o homem não consegue entender...

Serenamente como o poeta o amigo ou a saudade.

Conflituosamente como o adeus às armas que nunca se concretiza.

Ruidosamente como o metralhar da metralha.

Há segredos que o homem não consegue entender...

As patéticas perguntas chegam a ser festivais de burguesia ou ânsias de verdade?

É vida.

P. S. — Ao último encontro «através das páginas frias dum jornal de gente quente» prometi relatar — à minha maneira — como vi a noite na mata. Disse que foi lindo o dormir da noite. No próximo número tenho todo o espaço para falar sobre esse assunto.

MARIA

ANGOLA - ALGUNS ASPECTOS ETNOSSOCIOLÓGICOS DAS SUAS POPULAÇÕES

Cap. Ovídio Rodrigues

O GRUPO LUNDA-QUIOCO

(IV)

A INICIAÇÃO DOS ADOLESCENTES — A CIRCUNCISÃO OU «MUCANDA»

GENERALIDADES — Em trabalho anterior afirmamos que, na sociedade Lunda-Quioco, a mais nobre missão é a de constituir família. Para esse efeito o homem recorre a uma série de meios para obter as condições óptimas à propagação da espécie. A grande maioria desses meios, são exercícios de ordem magista, cuja prática, tem o objectivo de os tornar aptos a serem pais de longa prole.

Não surpreende portanto a afirmação de que a cerimónia da circunscisão é a principal instituição dos povos Lunda-Quioco. É através desta cerimónia, que nestas sociedades se adquire a condição de homem adulto e portanto em condições de constituir família. O jovem não-circuncidado é ingénuo, um inexperiente; é uma coisa incompleta, assexuada, não viril no sentido moral do termo.

Só a «Mucanda» lhe retira a venda dos olhos e lhe abre as perspectivas do caminho dos homens, conferindo-lhe a emancipação, a legalização do sexo.

Os ritos da Mucanda, compreendem provas físicas e morais, como atormentações, desabrigo, flagelos e intimidações psicológicas, provas que devem ser enfrentadas sem queixume, antes com estoicismo. É enfim uma escola preparatória à luta pela vida.

O grande rito finaliza por juramentos solenes.

«Nem à mulher com quem dormires tu poderás contar o que viste na Mucanda! Esconde, deturpa e nega, de contrário morrerás!...»

Os colegas da mesma escola de passagem ficam ligados, na vida, por um laço familiar espécie de co-irmãos. Auxiliam-se mutuamente e acorrem em defe uns dos outros se necessário for.

O Juramento «juro pela minha Mucanda» é qua quer coisa de sagrado entre os homens desta soci dade.

Eis-nos pois perante o facto mais importante d vida do jovem Lunda-Quioco, e de uma forma geral d jovem da maioria dos grupos étnicos de Angola.

DESCRIÇÃO DO RITO

A Mucanda decorre geralmente durante o cacimbo Com a duração de cerca de 6 a 8 meses, nela toma parte todos os rapazes com idades compreendidas en tre os 8 e 17 anos sendo os jovens designados pelo chefes das aldeias.

No dia e local previamente designados pelo chef reunem-se todos os rapazes com as gentes da su aldeia, havendo então grande festa com distribuiçã farta de bebidas e comidas, que se prolonga pe noite fora, como manifestação de alegria por os ra pazes irem em breve ascender à categoria de adultos

No dia seguinte os tundanje (iniciados) são ra pados deixando apenas um tufo de cabelo na regiã frontal.

Ao cair da tarde organiza-se um cortejo e ao som de tambores, dirigem-se para o interior da mata onde cortam um pau determinado, que será posteriormente espetado no Tchifua ou seja o recinto onde decorrerá todo o período da Mucanda. A esse pau será depois espetada a cabeça de uma galinha de cor branca. Este pau, com a cabeça da galinha espetada na ponta constitui o feitiço da Mucanda.

No dia imediato de manhã cedo, o pequeno tufo de cabelo, que estava na cabeça dos iniciados, é rapado e são espargidos com água de uma cabaça à guisa de banho nustral.

Em seguida cada iniciado é entregue a um monitor (Tchilombola) que o conduz para o local da operação despindo-o da cintura para baixo e segura-o fortemente. Vem depois o operador, que puxando o prepúcio o corta de um só golpe, despejando água sobre o ferimento para suster o sangue. Aplica em seguida um medicamento preparado com óleo de palma, cinzas e uma planta com propriedades cicatrizantes que ele retirou da sua bolsa de operador.

Durante o desenrolar da operação cada iniciado mantem entre os dentes um pauzinho para morder a fim de melhor aguentar as dores, e durante toda esta cerimónia os tambores rufam numa barulheira ensurdecedora, para abafar os gritos dos circuncindandos, o fim é anunciado com um tiro de espingarda.

O tratamento da ferida demora cerca de um mês e meio e durante este tempo cada iniciado mune-se de uma pequena forquilha de madeira, segura por um fio atrás da cintura, a fim de evitar que o pénis toque nas coxas e de um enxota moscas para se defender dos insectos que o importunem.

Depois de cicatrizada a ferida começa então uma aprendizagem dos segredos da vida, cuja instrução vai sendo progressivamente ministrada pelos monitores. Durante o período de instrução os rapazes andam quase nús, usando apenas uma espécie de saiote de fibras feito de entrecasca de árvore batida.

Para criarem no circunciso resistência à dor e firmeza de ânimo, sujeitam-no às mais rudes provas, fazendo-o passar fome e sede, calor e frio, acordando-o de noite, subitamente, queimando-o com tições, obrigando a passar por entre duas filas de homens munidos de chibatas que o fustigam desapiedadamente. O aluno no decurso destas provas. não deve soltar o menor lamento.

O iniciado é adestrado na caça e na colheita de produtos alimentares tanto na origem animal como vegetal.

No caso de qualquer perigo ou ataque de animal feroz o iniciado não deve nunca virar-lhe as costas.

São-lhe ministrados ainda ensinamentos sobre a vida social, política, moral e religiosa bem como o canto e a dança rituais.

Finilamente atinge-se o grande dia com que findam os ritos da Mucanda. Este é outro dia de grande festa regurgitando a aldeia de gente em animados batuques, com comida e abundantes bebidas alcoolicas. Os rapazes executam danças aprendidas durante a Mucanda, que duram o dia intenro. No dia imediato vão tomar banho ao rio para se limparem da sujidade amontoada durante a sua permanência no acampamento. Queimam o seu saiote de fibra e vestem roupa nova, e pintando o corpo regressam à aldeia. Chegados aí, e perante os seus familiares cada um mata uma galinha com uma flecha e proclama em voz alta, o novo nome, que futuramente passará a usar.

A comunidade conta daqui em diante com mais componentes devidamente habilitados para o desempenho do seu papel social.

NOTA. — Para a elaboração do presente trabalho foram consultados e transcritos partes dos textos das seguintes obras:

JOSÉ REDINHA — ETNOSSOCIOLOGIA DO NORDESTE DE ANGOLA.
LUÍS AUGUSTO DE SOUSA — SOBRE A MULHER LUNDA — QUIOCO.

FAZENDA CUERAMA, SARL

PECUÁRIA

CAIXA POSTAL, 1378 LUANDA

AGÊNCIA DE VIAGENS **UNIÃO**

União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS. CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO. SEGUROS. SAFARIS FOTOGRÁFICOS DE CAÇA E PESCA.

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 33 — P. O. BOX / C. P. 6534 — TELEG. «UNIMOBI» — TELEFONE: 72131 - 72467 - 72952 — TELEX - 3174 UNIMOBI-AN — LUANDA - ANGOLA

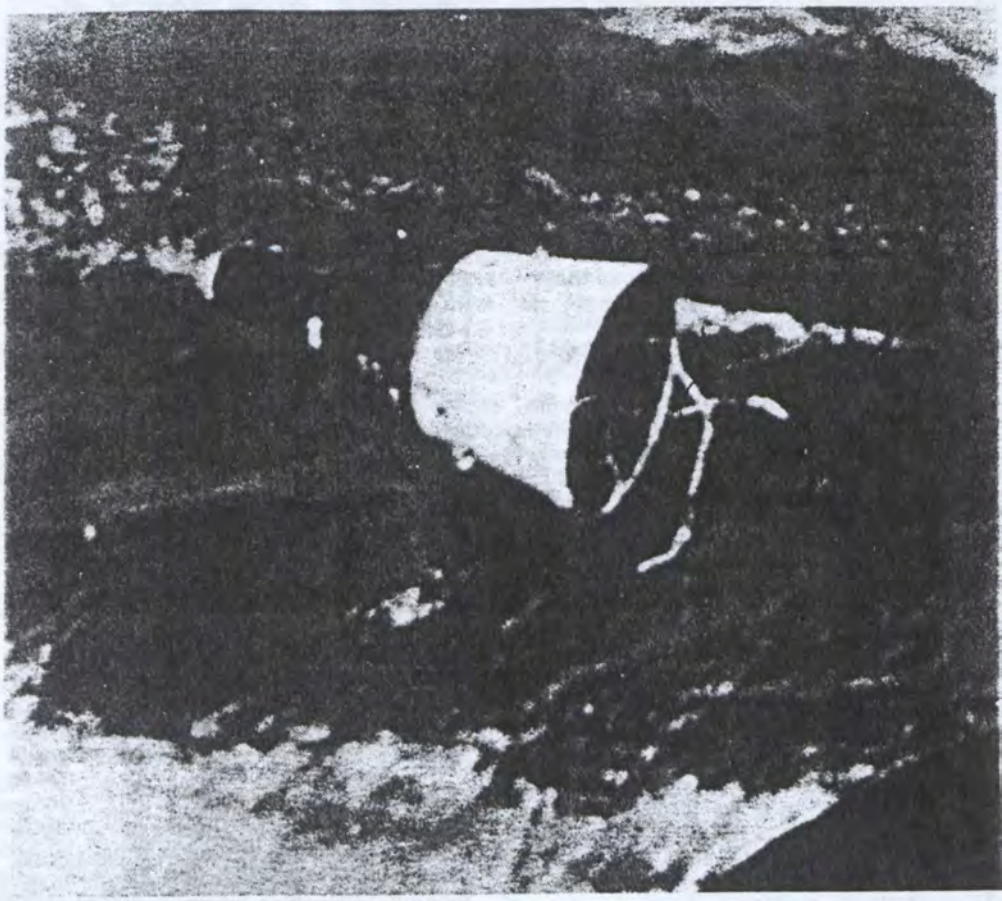
IATA

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DES AGENCES DE VOYAGES

DE PARA TODO O DE TODO O PARA

ESPAÇO

Por SANTOS MATOS



Novas, curiosas e talvez assombrosas revelações, poderão ser feitas no corrente mês, quando a primeira das duas espaçonaves Pioneiro, já lançadas, atingir as imediações do maior planeta do nosso Sistema Solar — Júpiter — e começar a enviar-nos imagens colhidas de distância relativamente curta, da Superfíície Jupteriana.

A expectativa entre os cientistas cresce, na proporção, em que as naves não tripuladas, se aproximam do planeta.

São várias as razões desse interesse comum.

Apesar das suas proporçõeõs gigantescas,- Júpiter, está muito longe da Terra, para possibilitar boas observações através dos nossos telescópios.

Esta será portanto, a primeira oportunidade de estudá-lo de perto.

Júpiter, é um planeta estranho e enigmático, mantendo-se a uma distância 2000 vezes maior, da que separa a Terra da Lua, possuindo mais de 1/3 de todos os satélites existentes no nosso sistema solar.

Júpiter possui nada menos que 12 luas, sendo que duas delas, Ganímedes e Calisto, são consideravelmente maiores que a Lua Terrestre.

Ganímedes é até mesmo maior que Mrecúrio, o menor planeta do nosso sistema.

Júpiter, que é 1300 vezes maior que a Terra, possui uma força gravitacional bem maior que a nossa.

Por isso, os veículos Pioneiro, não tentarão pousar em Júpiter, já que isso seria uma empresa muito difícil. O que farão, será fotografar o planeta e as suas luas, da órbita.

Durante a passagem, as naves focalizarão os seus instrumentos científicos para a superfície Jupteriana e seus satélites.

Devido ao facto, da trajectória dos Pioneiros, afastá-los consideravelmente do Sol, eles não dependem de baterias solares, para converter a luz solar em energia eléctrica para os seus instrumentos.

Deste modo, eles são os primeiros veículos interplanetários, equipados inteiramente com geradores nucleares, que não são afectados pelos extremos da temperatura.

Júpiter possui uma atmosfera tão espessa e turbulenta, que os astrónomos não conseguem ver nada, através dela.

Quando observarmos o planeta pelo telescópio, não vemos uma superfície sólida, e sim, a parte exterior de uma profunda atmosfera, composta principalmente de hidrogénio, amónio e hélio, além de vários vapores metálicos.

Dizem os astrónomos, que essa incomum atmosfera, está sempre em violenta movimentação, talvez como um super-furacão que nunca termina.

Os leitores por certo, já ouviram falar da famosa mancha vermelha de Júpiter, uma imensa ilha de material desconhecido, de 25 000 milhas de comprimento por 8000 de largura.

Realmente, essa formação é incomum, pois move-se continuamente, acreditando alguns, que ela flutue em superfície líquida.

Esse, e outros mistérios do gigantesco planeta e de suas luas, serão desvendados, pelo menos em parte, pelas duas espaçonaves americanas, a primeira das quais passará pelas vizinhanças de Júpiter, já no próximo mês.

O CINECLUBISMO EM ANGOLA

O movimento cooperativo nasceu no século XIX como uma possibilidade concreta de melhorar as condições de vida das camadas sociais mais débeis economicamente. A longo prazo surgiu como o meio de transformar a sociedade liberal e, consequentemente, as estruturas de produção em que esta se fundava.

O principal objectivo da sociedade cooperativa tem sido, desde sempre, adaptar completamente a produção às necessidades reais de consumo do maior número, o que equivale a dizer que, neste tipo de sociedade, a produção é como que socializada. Foi como reacção contra a cultura de massa surgida com o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos meios de difusão que apareceram associações de consumidores geridas democràticamente visando subtrair os associados a um mecanismo aberrativo. Estas associações formaram-se tendo como base vários ramos de actividades, sendo as mais importantes, no aspecto cultural, os clubes de cinema, conhecidos em Portugal sob o nome impróprio de Cine-Clubes.

O cinema não é um assunto fácil. A missão de um cine-clube é a de facultar que mutuamente os espectadores de cinema se ensinem a ver e a exigir. Porque através das imagens se trava também um diálogo entre os homens que vivem, uma equipa que cria e uma pessoa a que é dado ver. É preciso efectivamente, ensinar o homem a sentir com os olhos, aquilo que por tradição era apenas ouvido e lido. «A função do cineclubismo é fazer com que o cinema sirva o público, criando as bases para que ele tenha uma função humanista».

O movimento cine-clubista nacional, iniciado em 1945 pelo Clube Português de Cinematografia (Cine-Clube do Porto), e desenvolvido no continente através de outras dezenas de associações entusiastas, teve igualmente uma expansão muito interessante e importante em Angola, onde se contam por sete as cidades que tiveram Cine-Clubes em funcionamento.

cine-clube do huambo

O Cine-Clube do Huambo foi o primeiro dos cine-clubes angolanos. Mas não foi só o iniciador deste movimento na Província, foi, também, uma das agremiações culturais mais inovadoras, cuja actividade não se restringiu apenas ao campo do cinema.

Fundado por um grupo de entusiastas em 1956, passou por várias dificuldades financeiras que se agravaram especialmente em 1959, altura em que foi obrigado a lançar uma campanha de regularização de quotas, as quais se vieram efectivamente a normalizar mas por pouco tempo, pois, embora tivesse sobrevivido até 1965, foi mercê de alguns carolas como Rebelo de Andrade, António Faria e o nosso muito conhecido Ernesto Lara Filho que muito se esforçaram por que Nova Lisboa tivesse um movimento cultural condigno com o seu desenvolvimento.

Como realizações dignas de registo contam-se, além das sessões normais para a divulgação do bom cinema, a publicação do Boletim «Sequência», que impulsionou e acarinhou as actividades da Secção de Cinema Experimental, cujas características foram sempre marcadas «por uma verdadeira Angolanidade», e dos Cadernos Culturais «Diálogo» (3 números), com bons artigos de cinema e de literatura.

cine-clube do distrito de benguela

Tendo começado provisòriamente as suas actividades no dia 20 de Dezembro de 1956 com a exibição da obra de René Clément «Brincadeiras Proibidas», realizada no Cine Colonial do Lobito, depressa a sua acção se fez sentir não só mediante a organização de sessões para crianças mas, sobretudo, pelo programa radiofónico de cinema que os seus dirigentes mantiveram durante algum tempo no Rádio Clube do Sul de Angola, e pelas palestras com que o Eng.º Sócrates Dáskalos, o seu grande animador, apresentava e comentava os filmes exibidos. Mas, nos moldes em que este Cine Clube foi criado, havia poucas possibilidades de sobrevivência. As rivalidades entre Benguela e o Lobito são de longa data e, mesmo quando se não manifestam, estão activas. Por isso, não constituiu motivo de admiração as divergências que originaram a divisão deste Cine Clube em dois, cujas sedes ficaram instaladas nas respectivas cidades.

cine-clube de benguela

Aproveitando o facto de ter começado a funcionar o circuito de distribuição dos filmes importados directamente pelos Cine-Clubes de Angola, os bairristas benguelenses como Victor da Silva Tavares e o Juca Branco à cabeça fazem exibir no Cine-Teatro Monumental, a obra de Emilio Fernandez. «Maria Candelária». Estava fundado assim o Cine Clube de Benguela que, mau grado todo o entusiasmo inicial que os seus organizadores revelaram suspendeu as suas actividades em Setembro de 1963.

cine-clube do lobito

Formado depois da separação das gentes de Benguela que, como vimos, organizaram eles próprios o seu Cine-Clube, o Cine-Clube do Lobito teve também curta duração, apesar de o seu principal interessado Fonseca Viegas, se ter multiplicado não só na elaboração dos programas, sempre de bom nível, como também na organização de sessões infantis e de sessões na Catumbela, aplicando assim efectivamente os princípios integrais que presidem à linha de orientação de agremiações deste género.

cine-clube de luanda

Embora em inactividade desde Março de 1965, o Cine-Clube de Luanda foi um dos melhores cine clubes portugueses. Organizado por um grupo restrito de interessados pelas coisas da Sétima Arte, em 1957, as suas actividades na campo pedagógico do cinema desdobraram-se por várias formas, qual delas a mais eficiente e a mais merecedora de aplausos. Excelentemente orientado; como foi considerado pelos críticos da Metrópole, este Cine-Clube chegou a possuir uma filmoteca (a propósito, onde é que ela pára?), e ainda neste momento, apesar de muito desfalcada, a Biblioteca de Cinema, que deve andar pelas caves do Palácio do Comércio, possui ainda um bom repositório de material de consulta que só lamentamos esteja destinado a

Programa para o filme «Paragem de Autocarro», uma das muitas sessões do Cine-Clube de Luanda

ser comido pelos ratos ou a ser estragado pela humidade.

Durante o ano passado realizaram-se várias reuniões em que se estudou a forma de reiniciar as actividades. Ao que sabemos, tais contactos estão presentemente parados dado que houve dificuldades em reunir completamente a antiga Direcção (actualmente ainda a legal). Mas não haverá mesmo nenhuma maneira de conseguir pôr de novo o Cine-Clube de Luanda em actividade?

cine-clube de moçâmedes

No mesmo ano da formação do Cine-Clube de Luanda, também Moçâmedes organizou o seu. Os cine-clubes estavam na moda em Angola. Mas em Dezembro do ano seguinte teve de encerrar as suas actividades. Segundo a bisbilhotice da época, parece que dentre os motivos, o principal foi a má vontade da empresa proprietária do único cinema local, que era pouco dada a coisas de cultura.

cine-clube do uíge

Carmona em 1962 era uma cidade a despontar Por isso mesmo é que, mau grado haver apenas meia dúzia de pessoas que podia perder tempo com coisas de cinema, a ideia da formação de um Cine-Clube, à imagem dos outros que havia em actividade na Província, surgiu e foi levado a cabo. Nesse ano, em Setembro, o Cine-Clube do Uíge fez a sua primeira sessão, apresentando «O Grande Carnaval», de Billy Wilder. Mas teve uma existência curta como também curta seria a duração do Círculo Cultural que se formou mais tarde, em 1968, como secção do Futebol Clube do Uíge.

Cine-Clube do Uíge: curta duração

Virgílio Sá Lemos, Avelino Pinhel, José Capucho, António Alves Teixeira, Marcolino Camacho, Eduardo de Almeida, Manuel Matos, Júlio Cobanco, Horácio Rocha e José Zenha Rela convocaram uma reunião (que ficou famosa) no Rádio Clube da Huíla, onde defenderam intransigentemente a sobrevivência do Cine-Clube como ponto basilar. Levaram a sua avante, e o Cine-Clube da Huíla ainda se manteve durante mais uns dois anos.

As suas iniciativas mais marcantes foram a elaboração de uma página de divulgação de cinema publicada regularmente no «Jornal da Huíla», e a organização de um Festival de Cinema Amador realizado em Agosto de 1961.

cine-clube da huíla

O movimento cineclubista ainda não tinha acabado em Angola. Em Sá da Bandeira, o escritor Leonel Cosme conseguiu reunir uma equipa que, com muito entusiasmo e muito boa vontade, organizou o Cine-Clube local. Havendo começado com umas dezenas de sócios, no dia 14 de Fevereiro de 1959, numa sessão em que foi exibida a célebre obra-prima de Vittorio de Sica, «Umberto D», em Novembro do mesmo ano o Cine-Clube da Huila contava já com cerca de 380 sócios efectivos. Nos começos de 60 houve uma grave crise, mas Leonel Cosme,

círculo universitário de cinema de nova lisboa

Organizado pelo que já tinha sido o principal entusiasta do extinto Cine-Clube do Huambo, Rebelo de Andrade, o C.U.C.N.L. teve, desde o princípio, todo o apoio do seu congénere de Luanda, não só na selecção de filmes mas, também, no fornecimento de material para os programas.

Tendo iniciado as suas actividades em 11 de Dezembro de 1968, com a apresentação da Retrospectiva do Cinema Mudo Português, prossegue actualmente num ritmo de trabalho deveras entusiasmador que esperamos não esmoreça.

MANUEL RODRIGUES VAZ

O Cine-Clube de Luanda foi um dos melhores cineclubes portugueses

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA

COLÉGIO MIRAMAR

DIGNIDADE NO ENSINO

APENAS EM 3 MESES PODE DAR NOVAS POSSIBILIDADES À SUA VIDA. QUER ESTEJA AINDA NA VIDA MILITAR OU JÁ A TENHA TERMINADO, VISITE-NOS.

DEPOIS ENTENDERÁ PORQUÊ!

Rua Companhia de Jesus, N.º 20
Bairro Miramar — Telef. 81842

EM JEITO DE NOTÍCIAS

ARTUR FERREIRA

A época de 1973 está no fim. Há muito se calaram os motores dos Fórmula 1 que disputaram as duas mais importantes provas do calendário mundial.

O Mundial de Condutores e o Internacional de Marcas. Com vitórias para Stewart e para a Matra. Agora, aproveitando um defeso curto, os maiores nomes do automobilismo consolidam as suas posições nas marcas anteriores ou iniciam voos em novas marcas.

Em Fórmula 1 as três marcas mais competitivas continuarão a ser a Lotus, a Tyrrell e a Mac Laren. Em todas elas houve alterações de vulto no que diz respeito aos pilotos. Emerson Fittipaldi (que saiu da Lotus) entrou definitivamente para a Mc Laren como foi comprovado pelos treinos agora efectuados

EM JEITO DE NO

em Paul Ricard. Também neste moderno, belo e seguro, circuito francês se pôde apreciar a nova aquisição da Tyrrell. Jody Scheckter. O recem-ingressado-na-fórmula-um piloto sul-africano confirmou, também, as notícias que o davam *chez* Ken Tyrrell. O segundo piloto deverá ser um francês (imposição da Elf). Jabouille ou Jarier. As hipóteses maiores a tenderem para este último.

Mc Laren continuará com Denny Hulme, o que pode parecer uma situação difícil para Fittipaldi. Dois ex-campeões do Mundo na mesma equipa. No entanto Emerson garante que não haverá problemas e que até terá muito que aprender. Apesar de os 38 anos do companheiro darem a entender que a retirada estará para perto.

Para acompanhar Ronnie Peterson (promovido a primeiro piloto da Lotus) admite-se como certo a *assinatura* de Jacky Ickx. Para o piloto belga é a oportunidade dum carro a sério, o que o deverá levar a demonstrar as suas tremendas capacidades para o desporto automóvel.

No campo das novidades em Fórmula 1 podemos ainda acrescentar o abandono (finalmente) por parte de Graham Hill! Ele, que também já foi Campeão do Mundo de Condutores, chegou a anunciar que participaria na próxima época com um carro seu, patrocinado pela Embassy. Mas, ao que parece, vai ter a sua cota parte de responsabilidade no regresso da Lola à Fórmula 1. Será o team-manager.

ÍCIAS

Para o Internacional de Marcas anuncia-se que, afinal, a Ferrari estará presente. Se bem que com um só carro. Deixando os grandes esforços para verem se conseguem um F 1 ganhador... A versão 74 do 312 P vai sendo experimentada pelas aquisições definitivas do comendador: Clay Regazzonni e Nikki Lauda. A pista de Fiorano vai proporcionando evoluções do novo carro, podendo apreciarem-se alterações na carroçaria e no chassis. O que há de novo no motor é que ainda é segredo.

A Matra tenta definir os seus quadros. Carlos Reutemann e Carlos Pace chegaram a ser dados como certos. Agora fala-se de Wolleck e Jaussaud, em hipótese. Já que Jarier deu belíssimas provas no 670, e parece contratado. Pescarolo e Beltoise continuam podendo assim ser apresentada uma equipa totalmente francesa. O «sponsor» de 1974 é a Gitanes.

Para terminar este pequeno noticiário, que substitui a minha habitual crónica, algo com sabor nacional: um português triunfa em Inglaterra. José Espírito Santo ganhou uma corrida de Fórmula Livre. Desde Mónaco que venho tentando acompanhar a carreira, que acredito brilhante, deste jovem que tenta no estrangeiro uma afirmação que o nosso automobilismo não lhe podia dar. Modesto (talvez em demasia...) nunca permitiu a entrevista escusando-se com um *não sou nada*. Tenho pena de não estar presente nesta primeira vitória, que até tem significado.

TREVAUTO

automóveis de aluguer
sem condutor

Largo D. Fernando, 1-2
Caixa Postal, 680

Telefones 22722 3-23312
LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.

ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA-ANGOLA

QUEM SOMOS?...

Se pensarmos na terra em que nascemos,
Se pensarmos quem outrora fomos,
Se pensarmos na razão porque vivemos,
Poderemos saber que agora somos,
O povo de Portugal oriundo,
Cuja história se conhece em todo o mundo!

Se pensarmos nos nossos antepassados,
E se lhes soubermos ser iguais,
Confirmamos os velhos ditados,
Que chamam aos portugueses imortais!
E tão fortes patriotas que de sorte,
Dão a vida à Pátria com a própria morte!

Porque para nós a morte é vida,
Quando se morre em defesa da Nação.
Vida essa que só é desconhecida,
Por aqueles que não sabem de onde são;
E que pensam que tão forte Nação se vence;
Matando inocentes, em busca do que não lhes pertence!

Perturbando a paz em que sempre vivemos,
Espalhando no que é nosso o terrorismo!
Envolvendo-nos na guerra que não fizemos,
Mas que nela sabemos confirmar o heroísmo,
Que noutros tempos o sangue real,
Gravou em nós o nome de Portugal!...

Se pensarmos que a Pátria nos deu o ser,
Se nos entregarmos d'alma e coração,
Agora como sempre, havemos de vencer,
Quem atenta contra tão nobre Nação:
E se nos perguntarem quem somos afinal,
Podemos dizer que, SOMOS PORTUGAL!...

HERNANI VIANA

Com o preço a fundo durante 200 Kms. uma olhadela ao manómetro... Perdeitoi Com o novo MOBILOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão.
A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados.
Tacão e biqueira a 6.000 r.p.m. numa estrada de montanha.
O óleo MOBILOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência.
MOBILOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção.
MOBILOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis.
Use MOBILOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.

o seu carro precisa

Mobiloil
arranque superproteccao
Mobiloil
super
com nova fórmula

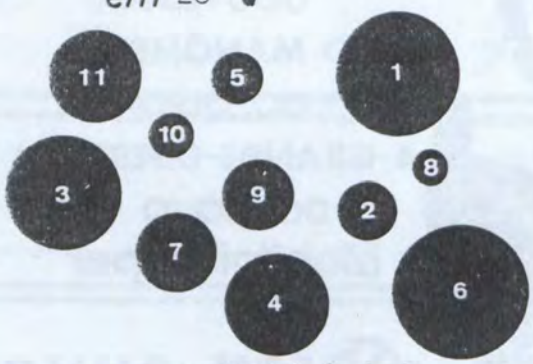
AFRICA MOBILS

PASSATEMPO

FIXE BEM ESTA IMAGEM. DEPOIS, DE OLHOS FECHADOS, TENTE PERCORRE-LA COM UM LÁPIS ACERTANDO O MAIOR NUMERO DE VEZES POSSIVEL EM CADA BOLA. VERÁ QUE NÃO É TÃO FÁCIL QUANTO PARECE...

em 20"?

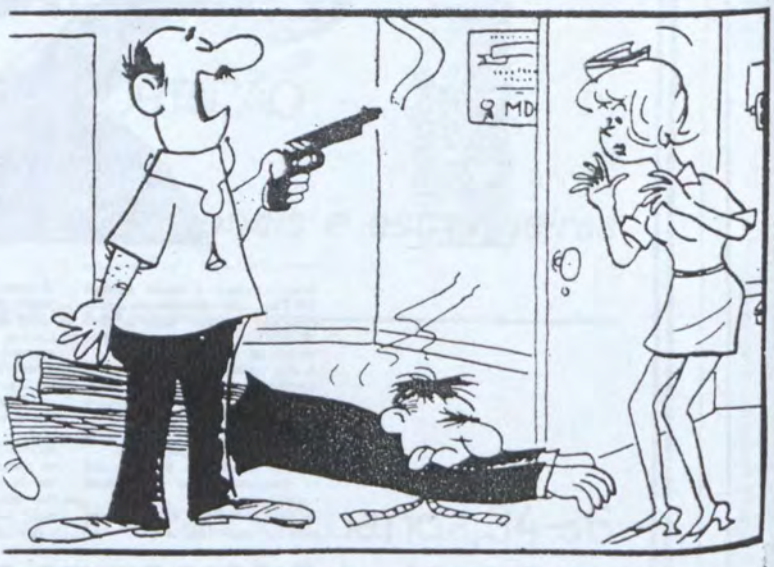
TEM AQUI O LEITOR DEZ ESFERAS DE TAMANHOS DIFERENTES NUMERADAS DE 1 a 10. O PASSATEMPO É CONHECIDO. TEM 20 SEGUNDOS PARA AS ORDENAR POR TAMANHOS E COM A NUMERAÇÃO SEGUIDA



A SUA "PATROA" VEM AÍ ! DIZ QUE TEM UMA DESGRAÇA PARA CONTAR...

IN "PLENO X"

SOU O PAI DELA



Quando eu digo que um doente só tem 6 meses de vida...é porque tem mesmo...

ASSIM SE FAZ A HISTÓRIA

A grande festa de Moscou, há 50 anos

Cinqüenta anos de existência é muito na história de um povo. A maior parte dos participantes do I Congresso dos Sovietes, que a 30 de dezembro de 1922 decidiu a constituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, está desaparecida. Lênin, o pai da pátria, que não pôde nem ao menos participar do Congresso porque dezessete dias antes havia sido atacado pela sua segunda trombose cerebral, morreu em 1924. Trótski foi assassinado na Cidade do México, em 1940. Kamenev e Zinoviev, os dois vices de Lênin, foram eliminados durante os grandes expurgos dos anos 30, e o próprio Stálin desapareceu em 1953. Mas alguns desses 2 000 delegados que então se congregaram em Moscou de todos os cantos da URSS estão ainda vivos: entre os mais conhecidos, o marechal Budyonny, legendário comandante da cavalaria cossaca na guerra contra a Polônia, o indestrutível Anastas Mikoyan e Isac Isachievic Minz (historiador de fama mundial e autor de "A História do Grande Outubro"), que em 1922 era comissário político de uma divisão da Armada Russa e participou do Congresso como representante da Ucrânia.

Lúcido e brilhante, Minz relembra aqueles "dias gloriosos" em seu escritório na Academia de Ciências Históricas de Moscou.

"Depois da Revolução de Outubro", conta, "constituíram-se, nas várias nações que hoje formam a URSS, diversas Repúblicas soviéticas e muitos pensavam que este arranjo estava consolidado. Mas a intervenção estrangeira (que nos levou inicialmente a colocar todos os nossos exércitos sob um comando único) e, em segundo lugar, as terríveis destruições causadas pelas invasões convenceram os vários líderes da necessidade de unir também os esforços econômicos. Foi no XI Congresso do PCUS, em março de 1922, que ouvi Lênin lançar pela primeira vez a idéia federal no decorrer de um relato sobre a reconstrução do país. Enquanto uma comissão formada por representantes das várias Repúblicas elaborava o projeto, eu passei o verão explicando-o ao povo, em vários locais da Ucrânia. No começo, existia muita perplexidade: o velho nacionalismo não queria morrer. Mas minha República se integrou talvez mais que qualquer outra na guerra civil e até os mais relutantes acabaram por convencer-se de que uma política isolacionista agravaria nossos problemas. No início de dezembro, durante o congresso do partido ucraniano no Palácio Skobolov em Kharkov, Petrovski e Frunze apresentaram o projeto da federação. Não se elevou uma única voz contrária."

O historiador Isac Minz, um dos poucos participantes do Congresso que, em dezembro de 1922, decidiu criar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, recorda o grande entusiasmo que caracterizou aqueles dias na história de seu país.

Minz, que era na época uma pessoa sem muita importância num país onde as notícias sempre tiveram grande dificuldade para circular, não podia naturalmente saber que naquele exato momento, em Moscou, Lênin e Stálin estavam se combatendo com violência sobre que estrutura dar à nascente União. Lênin desejava que a URSS se tornasse uma federação dos Estados independentes, cada um dotado de reais poderes, cuja minoria étnica gozasse de certa proteção do que ele chamava de "chauvinismo russo". Stálin, ao contrário, talvez por sua origem georgiana, queria conceder às Repúblicas associadas uma autonomia limitada. Atrás dos bastidores, a polêmica assumiu tons muito ásperos e complicou-se com um clamoroso incidente: durante uma reunião do Comitê Central da Geórgia, Sérgio Orgionikidze, homem de Stálin em Tblisi e fervoroso propagandista do centralismo, deu um soco no queixo de Budu Mdivani, velho companheiro de Lênin, que encabeçava a corrente independentista. Indignado, Lênin enviou, à Geórgia, Felice Dzerzinski, para abrir inquérito sobre o episódio e aproveitou a oportunidade para impor ao Partido seu ponto de vista. Mas em seu íntimo ele sabia muito bem que não teria vida longa e intuía que, após seu desaparecimento, Stálin trocaria as cartas na mesa: e mesmo às vésperas do Congresso, nos dias 25 e 26 de dezembro, ditou à sua secretária Lydia Fotieva o famoso testamento secreto, onde aconselhava aumentar o Comitê Central para cem membros e remover o georgiano da secretaria do Partido. No dia 30, enquanto o Congresso se reunia no Kremlin, ele acrescentou este post scriptum profético: "Temo haver cometido uma grave injustiça para com os trabalhadores russos não intervindo com suficiente energia e firmeza na infeliz questão das autonomias".

Os delegados da República Russa, da Federação Transcaucasiana, da Bielo-Rússia e da Ucrânia, que se preparavam para batizar o novo Estado, não estavam sequer a par da gravidade da doença de Vladimir Ilitch.

"Cheguei a Moscou de trem", conta Minz, "à tarde do dia 28, e alojei-me com alguns companheiros, num velho hotel da rua Górki, que hoje não existe mais. A cidade, sepultada em meio metro de neve, tinha um ar festivo, quase romântico, e todo o velho centro estava invadido por armênios, georgianos e turkmenistaneses, em suas vestimentas típicas.

"Ao longo das calçadas, centenas de banquinhas, autorizadas pela Nova Política Econômica, vendiam doces e pequenos objetos. O Congresso foi aberto no Teatro Bolshói, num clima de grande entusiasmo. Mesmo ausente, Lênin foi eleito presidente honorário e ao exporem o projeto federal os oradores constantemente se referiam a ele. O discurso mais arrebatador, pronunciou-o meu comandante, o general Frunze. Por estarem todos de acordo, os trabalhos não se alongaram. Já na noite do dia 30, pude retornar para alcançar minha unidade ainda deslocada na fronteira polonesa, e levar-lhe a boa nova.

"Recordo muito bem aquela longa viagem", continua ele. "Estava excitado, cheio de confiança, e sobretudo estava consciente de ter assistido ao surgimento de uma nova era. Agora que estávamos todos unidos não precisávamos temer nenhum inimigo externo: podíamos, finalmente, pensar somente na edificação do comunismo. E, quando convoquei os oficiais para informar-lhes os eventos moscovitas, disse: 'Companheiros, podemos ficar orgulhosos de nós: criamos o primeiro Estado multinacional da história que não foi instituído pela força'."

OLHA PÁ!

Olha pá! Nesta altura, eu estou cheinho de boas intenções, o que nem sempre acontece. É assim a modos boas intenções a pedido.

Na verdade, disseram-me assim: «Faz uma saudação de Natal para o pessoal».

Agora vê tu a grande barraca, eu que nem me lembrava que estavamos com o Natal à porta.

E depois, nunca tive grande *jeiteira* para dizer que sim e mais também, porque o Natal para nós, resume-se a *tacho melhorado* e com um bocado de sorte, recebemos um isqueiro do Movimento Nacional Feminino. O resto é cantiga...

Olha pá! Mas será mesmo assim? Não estarei eu a exagerar?

O diabo é que eu já mal me consigo lembrar de como é que a *malta* passava o Natal lá na terra. Esta *catrefa* de meses de comissão, deixa um homem *a modos* que mudado. Mas olha, do mal o menos, no meu caso, sinto-me mudado para melhor.

Aqui à distância, farto-me de rir quando imagino a filha do feitor lá do montado, gorda e vermelhusca a bufar no malvado do forno enquanto os catraios lhe espreitam para as pernas enfiadas em meias grossas e abalam a rir para trás do redil. E a parva, nem dá por nada pá.

Bom, parece-me que me desviei um bocado do tema, que era a tal saudação de Natal que me disseram para escrever.

Então lá vai:

«Camarada!...» Bolas, assim não dá. Como é que eu posso falar-te ao coração, se não começo a tratar-te por amigo?

Amigo! Pois seja, amigo.

«Meu amigo:

Ao tentar dirigir-te uma mensagem de Natal, quase que não era preciso cumprir a data, pois acho que quando as pessoas têm algo que comunicar umas às outras, devem fazê-lo sem horas marcadas.

O que tenho para te dizer, pouco tem a ver com Natal, mas muito comigo, contigo, com a nossa terra, os nossos, as nossas coisas.

Estejas tu onde estiveres, sabes por certo e desde já, que aqui na redacção do jornal, a vida não é assim tão má como isso, e poderás então pensar que nós já ganhámos «*aqui*» a guerra do ar condicionado.

Sei também, que o meu desgosto por não poder estar junto de ti, nesta altura, é testemunha do

apreço que me mereces, tu, embrenhado nas espessuras do mato.

Uma coisa temos de comum; a importância das nossas tarefas. Tu aí, de arma na mão, eu, aqui na rectaguarda, procurando que não te sintas só, pois nenhuma guerra se ganha apenas pelas armas.

Para além disso, temos ambos família; na cidade, ou atrás de um morro verdejante, em palácio ou na casa modesta do meu pai, onde os cachopos dos meus irmãos gozam à brava com as cartas que lhes mando a falar da «canhota», do «capim» e da «ração de combate». Olha, quando chegar a vez deles, oxalá tenham sorte. Só isso, que o resto têm os moços, rijos como penedos e bravos como os lobos que de vez em quando limpam o sarampo às ovelhas do velhote.

Quase que posso vê-los. O velhote veste a fatiota nova que o meu irmão mais velho lhe mandou de França onde dá serventia a pedreiro. A camisa, essa é sempre a mesma e da igual brancura que a minha mãe sabe dar à farpela da malta. Este ano, não sei se a Maria Rita, a cachopa a seguir a mim que já vai nos dezóito anos, leva lá a casa o Zé do Sobral, um lorpa qualquer que eu não conheço mas que me disseram ser candidato a meu cunhado. Oxalá não se casem sem eu regressar, que quero lá ir ver que raça de *passãrao* é esse.

Sabes, um *gajo* aqui pensa muito, e se esse *paisano* tem más intenções, aperto-lhe o *papo* que ele vai ver. Ainda não foi às sortes e já pensa em casar.

Sabes pá?! O que mais me *chateia* é a *velhota*. A esta hora, já ela anda a choramingar pelos cantos, a esconder a cara atrás dos cântaros para o meu pai não ver. Mas o que é a malta há-de fazer, as velhotas são assim. Agora que custa um bocado saber disso, custa sim, senhor. Eu não sou daqueles que andam para aí a escrever nos braços «amor de mãe», etc., mas gosto à brava da velhota e quando sei que ela anda por aí a chorar, dá-me aqui um nó na garganta, que parece que enguli um pão de quilo.

Deixei para o fim o caso da Rosa pá. Tu não sabes quem é mas adivinhas, não é?! Todos nós temos uma Rosa, uma Maria, uma não sei quê, não é?!

Eu já te disse que não sou um gajo nada piegas, não foi? Pois olha, quando vim para Angola, disse para a Rosa uma vez que nos encontrámos debaixo de um salgueiro que há no quintal dela:

«Olha Rosa. Daqui a dias vou para Angola. Não sei quanto tempo vou estar por lá, nem sequer se volto ou não. O melhor é tu não pensares mais em mim. Quando eu voltar, se ainda me quizeres, então a gente resolve o assunto».

Olha pá, foi uma chatice. A moça começou a chorar à brava. Sabes como a malta é, não é?! A nossa geracão é muito diferente da dos nossos pais. Eu vi a Rosa a chorar daquela maneira e logo ali decidi casar com ela...

A verdade, é que hoje tenho um pimpolho que só conheço pela fotografia. Sabes como estas coisas são... Quando voltar, caso mesmo com a Rosa pá.

Olha, agora estou eu a ver que ainda não escrevi a tal mensagem de Natal que o director me mandou fazer.

Raios partam a minha cabeça. O cacimbo entra comigo.

Mas agora, a verdade é que também não tenho coragem de dizer mais nada. Tu percebes-te o que eu quis dizer não foi? Afinal, falamos todos a mesma linguagem simples dos homens de verdade.

Olha pá, aguenta firme e recebe um grande braço.

ASSASSINOS NO PALÁCIO DE VIDRO

NUM PRECEDENTE AMEAÇADOR, ACABAM DE SER ADMITIDOS NA O.N.U., COMO OBSERVADORES, OS TERRORISTAS COMUNISTAS QUE ATACAM A ÁFRICA PORTUGUESA

Sob o título «Outra Razão para Saírmos», publicou «The Review of the News» em Novembro de 1972, o artigo que transcrevemos, da autoria de Thomas J. Haas.

Em princípios de Setembro, o mundo ficou chocado e enraivecido com o insólito assassinato de 11 atletas de Israel por terroristas palestinianos. Ouviram-se de todos os cantos do globo denúncias de terrorismo e terroristas, especialmente nos patamares augustos da ONU. Mas, antes do fim do mesmo mês, a ONU convidou os líderes dos bandos terroristas que atacam regularmente a África Portuguesa a assistir às sessões da organização. Deles fazem parte os mais corruptos terroristas sedentos de sangue de entre os que operam em qualquer parte do mundo.

O convite abriu na ONU um precedente de apoio ao terrorismo. Mas este acto ultrapassou a suprema hipocrisia. Com esta acção, que ocorreu em 27 de Setembro de 1972, a ONU abriu um precedente que ataca directamente a soberania dos Estados Unidos da América. Substituindo a palavra Portugal por Estados Unidos, podemos, com um pouco de atenção, ver aquilo que é susceptível de acontecer ao nosso País.

A República de Portugal compõe-se de territórios em quatro continentes, mas estas áreas separadas formam uma única nação. Portugal entrou na ONU em 1955, como uma só nação, sem colónias ou territórios administrados. Ao admiti-lo, as Nações Unidas reconheceram «de facto» a constituição unitária portuguesa. Mas, em 1960, a ONU decretou, por maioria de votos, que a soberania de Portugal se limitava à Europa e que devia ser dada independência às partes de Portugal no continente africano (1). Estava aberto o primeiro precedente: a ONU, por maioria de votos e sem qualquer respeito pelas leis internas de um Estado membro, tinha unilateralmente limitado a extensão de território sobre a qual o País exerce soberania.

Para dar força àquele voto, a ONU apoiou os terroristas aquartelados no recém-independente Congo Belga que invadiram Angola no dia 15 de Março de 1961. Em 1964, terroristas baseados no estrangeiro invadiram Moçambique e a Guiné Portuguesa. A ONU respondeu a estas agressões condenando Portugal e exigindo que os cidadãos portugueses africanos se rendessem aos terroristas.

Depois de alguns anos de luta esporádica, com o apoio da ONU, do bloco comunista, de grupos esquerdistas de todo o mundo e dos Estados Unidos, os terroristas continuam limitados a áreas de selvas e florestas subpovoadas na fronteira com os estados vizinhos hostis a Portugal. A incapacidade dos terroristas de alcançarem qualquer sucesso significativo deve-se não só à determinação de Portugal de se proteger a si próprio duma invasão estrangeira, mas também ao facto de os pretos de África Portuguesa se considerarem a si próprios cidadãos portugueses e não quererem pactuar com os terroristas.

Nada significa para a ONU que os terroristas não sejam apoiados por aqueles cuja libertação reivindicam, bem

(1) Os americanos deviam lembrar-se que Angola em África, está mais perto de Lisboa que o Havai de Washington.

como o facto de não controlarem uma única aldeia nem a mais remota área periférica. Quando, em 27 de Setembro de 1972, a ONU convidou os terroristas a mandarem observadores às suas sessões, a organização mundial deu propositadamente prestígio e estatuto internacional a estes pequenos bandos de assassinos e ao fazer isto concedeu o seu apoio ao terrorismo, como meio de implantar a ordem da ONU dentro dum Estado membro. A votação violava tão claramente a Carta das Nações Unidas que determinadas nações se abstiveram ou votaram contra ela, enquanto que, anteriormente, tinham apoiado as decisões contra Portugal.

Mas a maioria desordeira ganhou e abriu-se outro mau precedente: a ONU, por maioria de votos e em directa contradição com a sua própria Carta, aprovara o direito de interferir nos assuntos internos de um Estado membro, até mesmo ao ponto de convidar insurrectos acoitados no exterior, a frequentarem a sua sede e a participarem nas discussões sobre o modo da ONU resolver a insurreição.

A resolução de 27 de Setembro, conforme ficou esclarecido durante os comentários do respectivo debate e subsequentes explicações dos delegados, foi considerada pela maioria da ONU um gigantesco passo em frente para o reconhecimento unilateral dos grupos terroristas como os únicos governos das áreas que dizem governar mas que, de facto, não ocupam. Já antes da resolução ser aprovada, a ONU tinha começado a preparar esta última idiotice. Em Março de 1972 o Comité dos Vinte e Quatro decidiu enviar três dos seus membros às áreas «libertadas» da Guiné Portuguesa, como hóspedes do terrorista-comunista PAIGC. Tal facto é uma clara violação da soberania de Portugal e da Carta das Nações Unidas, mas isso foi considerado pela ONU coisa sem consequências. Em 28 de Março ou 4 de Abril (de acordo com comunicados insertos na imprensa da ONU), os três diplomatas deixaram Nova Iorque para aquilo a que os Portugueses chamaram mais tarde missão invisível. De facto, nunca puseram o pé na Guiné Portuguesa, mas passaram várias noites vagueando por selvas da vizinha República da Guiné, uma ditadura comunista.

É difícil dizer se aqueles bravos internacionalistas tinham conhecimento da fraude — podem ter sido suficientemente estúpidos para cair na esparrela preparada pelos seus guias terroristas. Mas foram suficientemente desonestos para afirmarem, baseados na sua visita (mesmo que tivesse sido na Guiné Portuguesa só poderiam ter percorrido cinquenta milhas, quando muito), que dois terços da Guiné Portuguesa estavam «libertados».

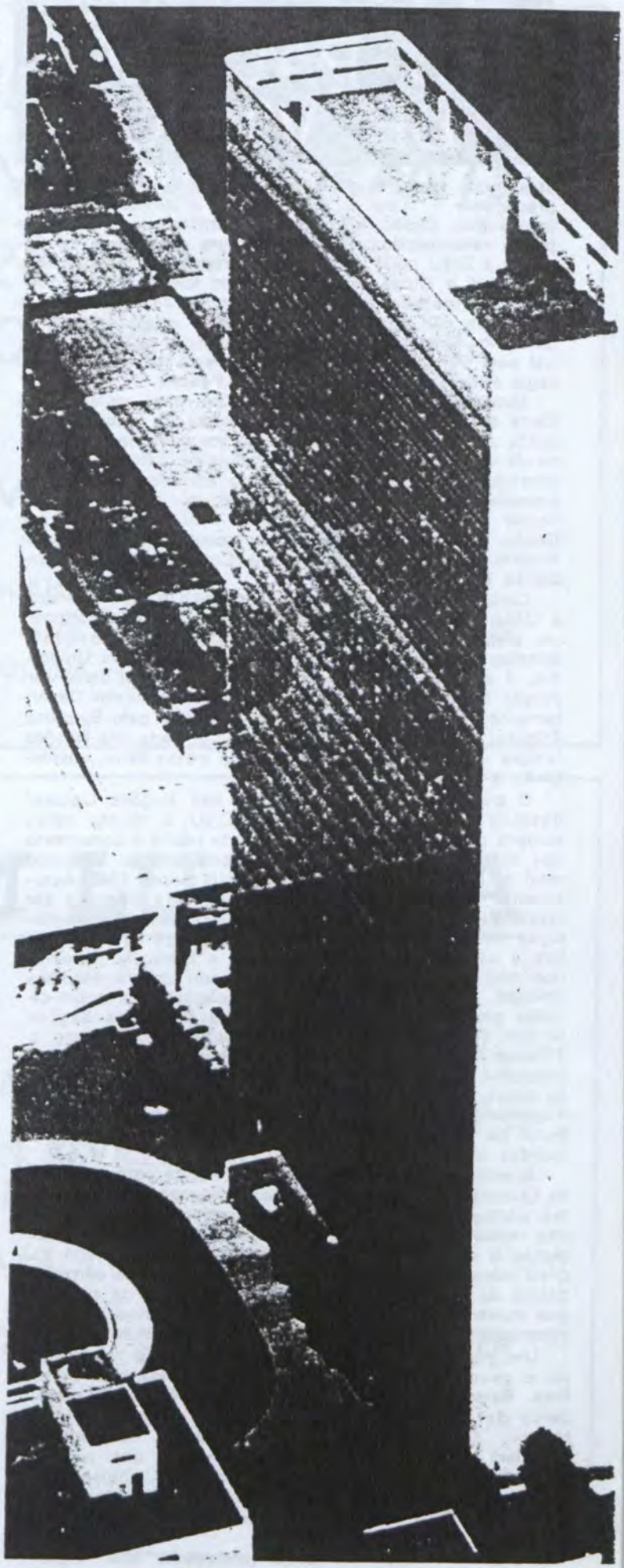
Apesar dos terroristas virem de território estrangeiro e não controlarem sequer uma aldeia da Guiné Portuguesa, a ONU utilizou a Missão Invisível como base para todos os seus membros reconhecerem o PAIGC como o único governo da Guiné Portuguesa. E, baseada na resolução de 27 de Setembro, a ONU pode agora conceder estatuto semelhante aos terroristas de Angola e Moçambique.

Inacreditavelmente, os precedentes guineenses são os seguintes:

1. Nos casos em que a ONU decidir que há uma disputa sobre soberania nacional entre dois ou mais partidos, mesmo que o governo da nação em causa, legalmente constituído, não reconheça tal disputa, a ONU tem o direito de conceder soberania nacional ao partido da sua escolha.

2. O partido a que é concedida a soberania não precisa de controlar qualquer das áreas em causa, nem de representar a sua população!

Este negócio tem excedido todos os limites. Lembremo-nos que a ONU, em 1961, abriu um precedente para a intervenção armada, ao ponto de conquistar uma nação a pedido de outra. Um ano antes, a Província do Catanga separou-se do governo central do Congo e constituiu um Catanga independente e popular sob a presidência de Moisés Tshombe. A ONU reconheceu a reivindicação de soberania sobre todo o território e, a pedido do governo de Leopoldville, mandou tropas para o Catanga, forçando



ASSASSINOS NO PALÁCIO DE VIDRO

esta nova nação a unir-se ao Congo. O corolário deste precedente é claro: a ONU afirma o direito de enviar tropas para apoiar reivindicações territoriais de governos por si reconhecidos. Ora, baseada no precedente do Catanga, a ONU pode enviar um exército para Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa, para expulsar os Portugueses e instalar governos terroristas, ainda que esses terroristas não exerçam o controle de qualquer área do território. Ridículo? Os planos de invasão da África Austral pela ONU foram elaborados há sete anos pelo «Carnegie Endowment for International Peace».

Qualquer destes precedentes foi uma violação da Carta das Nações Unidas. O problema da legalidade foi posto antes destas votações, mas em cada caso a maioria da ONU, que muitas vezes incluía os Estados Unidos, aprovou a resolução ilegal. Como consequência destes precedentes terem passado a fazer lei, embora contrariando a Carta, outro precedente final acabou por ser fixado, declarando que qualquer resolução votada pela maioria, quando em oposição à Carta, passa a sobrepor-se à própria Carta.

Como pode isto afectar os Estados Unidos? Primeiro, a ONU está **agora**, a fazer tudo para destruir Portugal, um amigo sincero e nosso aliado, o país cuja posição é estrategicamente vital para a defesa dos Estados Unidos. Não é exagero considerar o ataque a Portugal como um ataque à América. Mas mais importante, o nosso Departamento de Estado declarou, e foi aprovado pelo Supremo Tribunal, que tanto os tratados como a Carta das Nações Unidas têm que considerar-se lei da nossa terra, **suplantando** a Constituição Americana.

O que é exactamente a Carta das Nações Unidas? Baseada nas acções e votos da ONU, e muitas vezes apoiada pelos Estados Unidos, a Carta **não é** o documento que assinámos há vinte e sete anos, mas o conjunto total da legislação aprovada pela ONU desde 1945. Actualmente a Connally Reservation, que está agora a ser atacada e corre o risco de ser revogada, restringe a jurisdição directa do Tribunal Mundial sobre os Estados Unidos e os seus cidadãos. Contudo, a Connally Reservation não nos protege do mesmo modo contra decisões dolosas. Se o Tribunal Mundial declarasse os supra-citados precedentes com força igual à Carta das Nações Unidas (e o contrário destruiria tanto a ONU como o Tribunal Mundial), então esses precedentes podiam ser aplicados aos Estados Unidos como sendo a lei suprema da nossa terra. Mas muito pior, tal lei do Tribunal Mundial é aparentemente desnecessária, pois os acórdãos do Tribunal da Haia já deram força de lei às «emendas» introduzidas na Carta.

A maioria dos membros da ONU nunca votaria contra os Estados Unidos, dir-se-á; nunca aplicariam os precedentes portugueses contra nós. Infortunadamente os votos das repúblicas de Portugal e da China indicam precisamente o contrário. A dura verdade é que a maioria da ONU odeia os Estados Unidos, e os arranjos de corredor depois da votação da China mostraram o grau de amizade que nutrem por nós. Apesar disso colocámos a nossa soberania e a nossa integridade territorial nas suas mãos.

Um grupo de comunistas em Cuba poderia reivindicar ser o governo autêntico da «colónia» americana de Porto Rico. Reies Tijerina podia dirigir-se à ONU como presidente da nação Chicano formada pelo Arizona e Novo México. Os Panteras Negras, baseados na Argélia, poderiam proclamar-se como o governo dos negros oprimidos nos «ghettos» americanos. Os chefes das nossas várias tribos de índios poderiam pedir o reconhecimento da ONU como estados soberanos. E assim por diante.

Impossível? Não, não é! O precedente ficou claramente aberto. Continuam as manobras, encabeçadas por Cuba, para declarar Porto Rico uma colónia que deve ser **libertada** pela própria Cuba. E quando a maioria começar a cortar a América como um pastelão, os nossos próprios tribunais estarão de acordo, baseados no precedente das resoluções anteriores, apoiando a decisão da maioria da ONU como lei da nossa terra.

Mas, dir-se-á, a maioria da ONU nunca apoiará grupos como o dos Panteras Negras como governo legítimo de qualquer coisa! Vejamos alguns dos grupos admitidos como observadores na ONU em 27 de Setembro — grupos que a maioria da ONU quer que sejam governos reconhecidos das partes de Portugal que estes gangsters agora reivindicam.

Os terroristas começaram a «libertar» Angola em 15 de Março de 1961, levando à morte milhares de homens, mulheres e crianças — brancos, pretos e mulatos. No Luvo, a população inteira foi cortada numa carga mecânica. As crianças do Quitexe morreram de hemorragias por lhes terem arrancado os olhos. Em M'Bridge, bocados de corpos de bébés ainda vivos foram usados como bolas de futebol. No Mavoio, os braços e pernas de uma criança que estava no berço foram arrancados e o corpo deixado a escorrer sangue até à morte. Foram violadas mulheres, crucificadas, esventradas e sexualmente mutiladas para além do que é possível imaginar. Aos homens arrancaram-lhes os olhos, deceparam-lhes as mãos, castraram-nos, abriram-lhes e esventraram-lhes as barrigas, tudo isto enquanto ainda estavam vivos. Algumas vítimas foram torturadas durante cinco horas e mais até morrerem. Outras foram esfoladas vivas e queimadas vivas.

Os terroristas da FRELIMO começaram a «libertar» Moçambique no dia 24 de Agosto de 1964, matando um missionário holandês, o Rev. Daniel Boormans, e pondo no altar da missão a sua cabeça cortada. Um relatório recente do Ministério do Ultramar de Portugal **enumera**, em mais de trinta páginas, as atrocidades cometidas por estes invasores terroristas em Moçambique, desde 1964. A maioria das vítimas, como Manuel Catur, Camilo Alz, chefe Cavanga, Omar Tuluma e Martin Bende, eram pretos cujo único «crime» foi a sua lealdade a Portugal. A própria FRELIMO tem-se dedicado à sua campanha de matar todos os homens, mulheres e crianças moçambicanos que resistam à tentativa de impor um governo comunista em Moçambique.

A guerra terrorista contra a Guiné Portuguesa, que também começou em 1964, tem sido tão brutal como as de Angola e Moçambique. Um relatório do Comando Chefe das Forças Armadas da Guiné Portuguesa sobre as atrocidades terroristas durante os últimos dois anos ocupa vinte páginas de papel de máquina. Em 24 de Fevereiro de 1970, às 19,30 horas, um grupo de invasores terroristas atacou a aldeia fronteiriça de Buruntuma, matou cinquenta pretos e destruiu 123 casas. No dia 6 de Abril de 1971, invasores terroristas mataram vinte e cinco pessoas em Ansonhe e destruíram trinta e seis casas. Em 10 de Março de 1972, um grupo de terroristas vindo do vizinho Senegal destruiu completamente a aldeia de Subundo e matou onze pretos. E assim por diante, página após página. Contudo, estes assassinos e criminosos — acoitados em solo estrangeiro — são reconhecidos pela ONU como «protectores» de parentes e amigos dos milhares que têm massacrado.

No que respeita a ideologia, estes grupos são comunistas ruidosos e fanáticos. Usam armas e conselheiros fornecidos pelos comunistas. São glorificados pela imprensa comunista através do mundo. É total o seu ódio pelo Cristianismo, América e civilização ocidental. Porém, são estes os monstros que a ONU apoia contra o civilizado, pró-América, cristão Portugal.

Os vis precedentes estão todos ali. A maioria da ONU reivindica hoje o «direito» subordinado à «lei internacional» — e exibe a intenção óbvia — de destruir Portugal, a América ou qualquer outra nação. Há só uma medida sensata que a América pode tomar para preservar a sua soberania, a sua integridade e os seus cidadãos. É sair imediatamente da armadilha de morte que é a ONU. A nossa providência é tão simples como vital: SAIAMOS!

CAIXA POSTAL, 156
TELEFONE, 22302
LUANDA — ANGOLA

PRESENÇA EM TODA A ANGOLA DURANTE AS 24 HORAS DE CADA DIA

ESCUTE-NOS EM:

ONDA MÉDIA — 944 KHZ 317 m.
ONDA CURTA — 90 m 3359 KHZ - 60 m 4985 KHZ - 40 m 7215 KHZ
FREQUÊNCIA MODULADA — 97.5 MHZ

PARIS EM LUANDA

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA O HOMEM DE CLASSE...

PRODUTOS: AYER, *LANVIN*, *REVILLON*, *RIVA*, *WIEN*, *CARON*, *JOHNSON*

...O MÁXIMO EM CLASSE PARA A MULHER DE CLASSE...

COM ESTETICISTA *HARIET HUBBARD AYER*

Largo Serpa Pinto, 1
(Perto do Kate-Kero)

QUEM AINDA ACREDITA NO PECADO?

Pio XII lamentava que os homens perdessem a noção de pecado. Paulo VI adverte que "o demonio existe". E o pecado, ainda existe?

O papa Pio XII, num discurso pronunciado poucas semanas antes de morrer, em 1958, disse: "Hoje, o maior pecado do mundo é talvez o de terem os homens começado a perder o sentido do pecado".

Passaram-se quinze anos e o papa de hoje, Paulo VI, encontra-se na obrigação de lembrar dramaticamente aos fiéis da Igreja católica: "O demônio existe, é uma pessoa real, apesar de invisível. É o ser obscuro e perturbador que semeia horrores entre nós". Os teólogos tentam traduzir as palavras do papa: "Nunca a humanidade pecou tanto: é por isso que Paulo VI denuncia a presença real do demônio: o grande instigador e provocador de todos os pecados do mundo".

Pecado: eis uma palavra (do latim: *peccatum)* que parecia destinada a ficar nos limites da linguagem teológica e a desaparecer definitivamente dos dicionários filosóficos. Mas, muito pelo contrário, nos últimos tempos o pecado vem sendo novamente proposto aos homens como assunto da atualidade.

De um lado, ele continua a ser lembrado como ato de desobediência aos mandamentos divinos revelados por Moisés e às leis promulgadas pelo papa Gregório I no século VII, que definiu os sete pecados capitais. Por outro lado, existe hoje uma precisa tendência em apresentar o pecado no sentido de erro moral ou como ato consciente de má vontade. E chega-se até a igualar ao pecado as *culpas* (que podem ser involuntárias) ou os *crimes* (infrações à lei social). Assim, nos Estados Unidos, um jornalista fala hoje de "Nixon's sin", o pecado de Nixon, denunciando o presidente de conivência no caso de espionagem política na sede do Partido Democrata, realizada por emissários do Partido Republicano (escândalo de Watergate).

Na França, fala-se em "péché atomique", pecado atômico, para censurar o governo em sua teimosa política nuclear, cujas experiências no oceano Pacífico ameaçam poluir regiões como a do Japão, do Chile, da Austrália e da Nova Zelândia.

No Brasil, o pecado da ira mereceu recentemente as manchetes das primeiras páginas, quando por duas vezes numa semana motoristas neuróticos, vítimas do trânsito do centro de São Paulo na hora do *rush*, resolveram ajustar com balas meus problemas de prioridade.

A nova roupa dos velhos pecados

Não é difícil encontrar, na vida diária, exemplos dos sete pecados capitais.

O pecado não precisa ser necessariamente praticado pelo indivíduo. Pode ser praticado pelo grupo: é o pecado social. Talvez seja esta a mais nova manifestação de transgressão às leis divinas. E não é difícil encontrar em nossos dias exemplos desse tipo de pecado, que aparece de roupa nova, mas cujo rótulo é bem antigo.

Soberba

A soberba *(ou orgulho) é o mais evidente. Ela se manifesta especialmente na política de dominação de povos e de grupos sobre outros, no racismo, no colonialismo, na discriminação social. E, mais à mão, a guerra entre duas emissoras de TV, combatendo-se com as armas do Ibope, poderia ser condenada, isto sem falar de espalhafatosos lançamentos publicitários de produtos novos querendo esmagar os outros.*

Avareza

A nova avareza *pode ser encontrada na prática de sonegação de impostos, na evasão fiscal, nas contas clandestinas em bancos suíços, na acumulação de capitais sem aplicação em benefício da comunidade.*

Inveja

A inveja *— estritamente ligada ao pecado do orgulho — pode ser encontrada na política exterior de muitos países poderosos em relação a seus satélites tradicionais. É só citar o caso da União Soviética e da Tchecoslováquia, para encontrar o exemplo mais clássico.*

Gula

E a gula? *Aqui também encontramos o pecado de grupo, quando se organizam banquetes com quilométricos cardápios, tendo como base caviar e champanha, com a desculpa de recolher fundos para as crianças famintas de Biafra ou Bangla-Desh. Isto sem falar dos festivais gastronômicos organizados a poucos metros das favelas, em homenagem a magnatas ou a exóticos artistas de cinema em visita ao Brasil.*

Luxúria

E a luxúria *também merece seu lugar neste catálogo de pecados sociais: é o caso da prostituição organizada em "racket", ou da exploração do sexo para simples fins comerciais, como no caso de filmes sem nenhum conteúdo artístico, ou da vulgaridade de certos programas de TV.*

Ira

A ira: *o mundo tem encontro marcado com ela no Extremo e Médio Oriente, ao lado do muro de Berlim, da Irlanda, das prisões da Grécia e da Espanha e dos mecanismos de repressão violenta usados em todo o mundo, com exata distribuição geográfica, contra quem reclama seus direitos.*

Preguiça

E, finalmente, a preguiça: *isto é, limitar-se a assistir como simples testemunha aos dramas do mundo, sem participar. Os homens de hoje parecem preferir o silêncio à discussão. É certamente uma posição confortável, que não comporta riscos, e lhes evita cairem vítimas da ira: um verdadeiro círculo vicioso.*

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. França, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 a 63

Caixa Postal, 363
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

ESMERADO SERVIÇO DE RESTAURANTE

.Estrada da Conduta (junto aos restaurantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO".

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

•

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

•

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.° 20

Telegramas JOVAZ

SE QUERES SER «COMANDO»...

Moço,
Moço que entraste aqueles portões
Doces ilusões a mente desfiando,
Queres ser «comando»,
Procuras emoções...
Ouve,
Criança,
Pega tua cartilha,
Os segredos da guerrilha connosco aprenderás.
Sim,
Serás um homem de verdade,
E depois...
...depois trilharás os caminhos da Honra,
Da Justiça, da Vingança;
Serás a esperança,
A certeza de dias felizes.

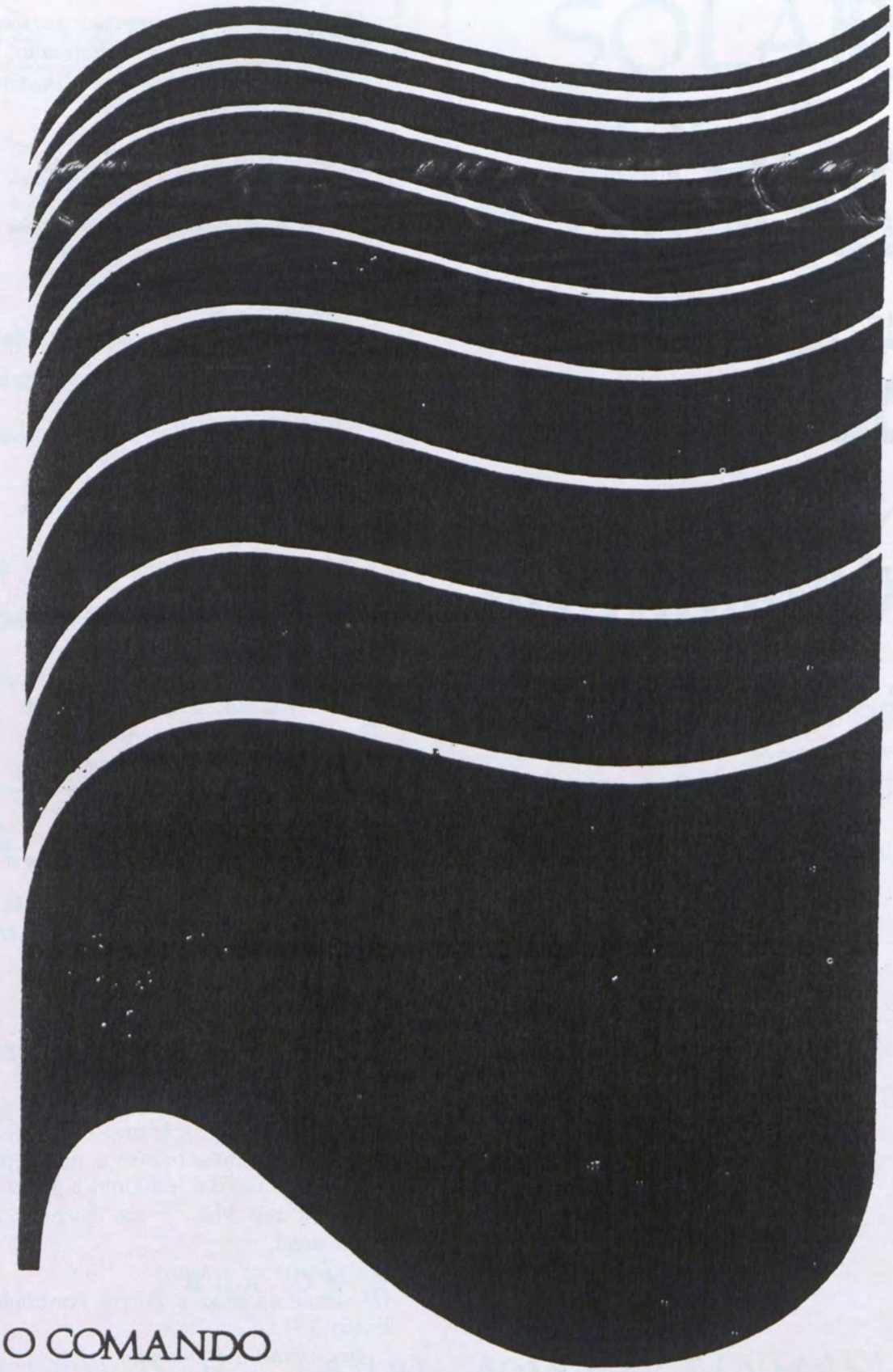
Criança,
Dizes que queres ser «comando»,
Mas...
...na realidade, sabes o que isso quer dizer?
Terás de ser Homem de verdade
Porque ser «comando» é ser valente,
É buscar a justa vingança
— olho por olho, dente por dente —
Que a voz do sangue é herança
Dos bravos de antigamente.

Pedro, o Justiceiro,
— reza a História —
Foi cruel!
Deu guerra sem quartel
Aos que lhe roubaram a bela Inês.
Pois a História se repete uma outra vez.

Rapaz,
Tua Inês é esta tua Pátria,
A Terra onde aprendeste a sofrer e a amar
Querem roubar-ta!

Segue as pisadas de Pedro Primeiro,
Mostra ao mundo inteiro o que é Justiça,
Afoga teu punhal na Cobiça e no Terror.
Esta é a tua Mãe, a tua Terra,
É Portugal,
Dá guerra ao invasor
De arma na mão a Pátria honrando,
Então...
...sim, serás um Homem feito,
SERÁS UM «COMANDO»,
Honra o crachá que usarás no peito!

MARCOS VILALVA



O COMANDO

é seleccionado